

Infohabitar Ano VIII, N.º 415

Da rua à casa e da casa à rua: caminhos da surpresa e do pormenor

Artigo XXV, da série habitar e viver melhor

António Baptista Coelho

Habitar é viver a cidade, seja como sítio de habitar, seja como espaço próprio de actividades urbanas específicas e desejavelmente estimulantes, e o lugar comum, mais fulcral e estratégico, deste quadro do habitar é o percurso da rua à casa e da casa à rua, um percurso que deve proporcionar agradabilidade, um certo sentido de surpresa estimulante e interessantes e adequadas condições de pormenorização; características estas que devem definir a identidade e a positiva singularidade de cada sítio urbano e habitacional.

Será em boa parte deste jogo de positivas e mutuamente conjugadas singularidades urbanas e vicinais, associado a um outro jogo de acessos, de visibilidades e de delimitações de espaços mais privados ou mais públicos, que poderá resultar um estimulante e diversificado leque de tipologias habitacionais e urbanas; portanto de um jogo de jogos de uma série de elementos urbanos onde, incrivelmente, quase ainda não se falou aqui de edifícios.

Lembremos, segundo esta perspectiva, que Louis Kahn definiu a rua como “*a mais vital instituição humana numa cidade*” e escreveu que *as fachadas dos edifícios ao longo da rua pertencem à rua, “são as paredes da rua, espaço sem tecto” (1).*

Há assim aqui como que um natural apagamento da presença do edifício como elemento mais isolado, e um simultâneo protagonismo urbano e vivencial dos conjuntos coesos de edifícios, mas numa perspectiva que os assume muito como as tais sequências de fachadas que pertencem à rua, as tais “paredes da rua”.

E assim se constroem as sequências nas vizinhanças, sequências afirmadamente públicas com toda a certeza, pois de outro modo nega-se a cidade, mas onde

sentimos a vizinhança um pouco também como espaço nosso, espaço de vida directa, mitigadamente apropriável e desejavelmente protector e identificável como único, como aquele sítio de que gostamos, que sentimos como nosso e de que nos orgulhamos.

Paolo Portoghesi, citando o mesmo Louis Kahn, escreveu, até: (2)

"A rua é um quarto que exprime um pacto. A rua é, por cada proprietário, dedicada à cidade em troca de serviços públicos. Nas cidades de hoje, as ruas sem saída conservam ainda o carácter de quarto. As ruas e cruzamentos, depois da invenção do automóvel, perderam toda a sua qualidade de quarto... a urbanística pode começar a tomar consciência desta perda e a impulsionar a reintegração da via, onde as pessoas vivem, aprendem, compram e trabalham, na sua qualidade de quarto comunitário."



Teremos, assim, uma rua que pode até ser "um quarto"; já há muitos casos de cidadãos que usam partes das ruas como extensões directas das suas casas, por exemplo, como espaço de trabalho e de restauração à mesa de cafés e de pequenos restaurantes conviviais e bem colocados, bem dentro de um espectáculo

urbano já mais num movimento mais lento e mais íntimo.

E naturalmente teremos de ter casas e compartimentos de casas que sejam sítios estimulantes e também bem integrados nas paisagens urbanas mais animadas ou mais repousantes, que as tem de haver com essas duas qualidades; e esta referência liga-se a dever tratar-se o espaço edificado habitável com toda a atenção, com todo o cuidado e com todo o potencial de satisfação que ele tem.

As ruas são, assim, elementos fundamentais do habitar citadino, as ruas são para se "estar" nelas, e não só para serem percorridas com pressa; e, tal como sublinha Christopher Alexander, devem ser como que compartimentos exteriores públicos, com um certo sentido de interioridade, dado por formas subtilmente convexas e côncavas, pelo alargamento pontual dos seus perfis, pela sua cobertura parcial e por estreitamentos nas suas extremidades. (3)

Dizer que se fala da rua como elemento aglutinador de um amplo leque de figuras urbanas é dizer pouco, pois a rua é a "mãe" de muitos dos aspectos que fazem de certas partes da cidade sítios únicos de vida ...plenos de surpresa e de pormenor, mas também pacificados por aspectos bem conhecidos, que nos marcam a memória.

Mas, logo ali, em pleno, na rua e fazendo-a, conformando-a, recheando-a de carácter e de características, temos as entradas dos edifícios, que podem ser, logo, entradas domésticas ou entradas de lojas e cafés, portanto, logo, sítios que marcam mundos domésticos privados, e que deles nos mostram aquilo apenas que nos querem mostrar, ou que nos cativam para os tais terceiros espaços desejavelmente conviviais, que fazem expandir, agradavelmente, a "esfera" da nossa melhor vivência diária.

Ou então temos as entradas dos edifícios multifamiliares. E estas se forem boas entradas, "boas" no sentido de participarem na construção de edifícios tendencialmente facilitadores de bem-estar e alegria de viver, e indirectamente de ruas também facilitadoras das mesmas qualidades ao nível urbano, então há todo um enorme conjunto de possibilidades relacionais, cenariais e, basicamente, arquitectónicas, com que é possível e desejável jogar, desde a "caverna" orgânica que vai dando acesso a tantos pequenos mundos mais ou menos revelados, ao amplo espaço/átrio que de certa forma quase duplica a rua, ou quem sabe até a multiplica, proporcionando, por exemplo, aquele sentido de uma incrível e

estimulante grande "gruta de Aladino", logo ali, bem junto à "nossa" rua.

Lembremos, porque devemos lembrar, que estamos aqui a falar/tratar de "Arquitetura urbana e habitacional" e não de "produção habitacional", ideias bem diferentes.



E lembremos que nada disto se inventou agora, mas sim já ao longo de milhares de anos, com certeza, tantas vezes, de forma, pode dizer-se, intuitiva, natural, longa no tempo, associada a necessidades e meios disponíveis, e decorrente de situações específicas, como, por exemplo, no caso das grandes grutas habitacionais iranianas e chinesas e de tantas fabulosas casas-pátio, "quase fechadas" à rua, mas enriquecendo-a de muitos sentidos, ou níveis de leitura e de fruição em termos de ambientes e cenários urbanos e residenciais mutuamente conjugados e dando, de certa forma, até sequência natural à própria sequência dos percursos mais urbanos.

E não tenhamos dúvidas que todas estas soluções podem ser directa ou indirectamente replicadas, adaptadas, reinterpretadas e experimentadas hoje, nas nossas cidades, e só o não são essencialmente por alguma ignorância, pois o custo, o custo será idêntico e a satisfação, a satisfação urbana e residencial, de quem lá vive realmente e também de quem lá passa e afinal também habita, será, potencialmente muito grande e diversificada.

Há que voltar a este assunto das entradas habitacionais ligadas às ruas e do enorme leque de situações, apropriações e soluções formais que são possíveis, e que produzem boa parte do excelente potencial de riqueza e de diversidade de uma cidade bem habitada atraente e com valia cultural, mas fiquemos, para já,

com a lembrança, que todos temos, de alguns exemplos que se podem encontrar, ao virar de uma qualquer esquina de uma qualquer boa cidade agradável e habitada; e fixemos que estes tipos de soluções de habitar que foram casos correntes podem ser hoje em dia replicadas, actualizadas em aspectos funcionais, naturalmente, mas sempre com evidentes ganhos de apropriação e de diversificação das formas de habitar e de preencher a cidade.

Notas:

(1) Louis Kahn, "O que é a Arquitectura? (Harmony Between Man and Architecture)", p. 125.

(2) Paolo Portoghesi, "Depois da Arquitectura Moderna", p. 88.

(3) Christopher Alexander, S. Ishikawa, M. Silverstein, et al, "A Pattern Language/Un Lenguaje de Patronos", p.526 e 527.

Infohabitar a Revista do Grupo Habitar

Editor: António Baptista Coelho

Edição de José Baptista Coelho

Lisboa, Encarnação - Olivais Norte

Infohabitar, Ano VIII, n.º 415, 9 de Novembro de 2012

Etiquetas: [antónio baptista coelho](#), [arquitectura de pormenor](#), [arquitectura urbana](#), [da casa à rua](#), [imagem urbana](#), [importância da rua](#), [ruas](#), [urbanismo](#)